



## EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,  
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

E eis-nos no tempo das cores e sabores, das iguarias e águas licorosas, das roupas novas com cheiro a perfume de oferta. Este é o tempo das decorações por excelência em que pisca aqui e ali, de verde perfumado, de velas e estrelas mais ou menos brilhantes; é o tempo da familiaridade querida, apesar do distanciamento indesejado, onde há sempre espaço para mais uma cadeira, e a mesa chega e sobra para todos; e o Menino “mija” sem qualquer pejo, como se de uma nascente infindável se tratasse, porque, ao fim ao cabo, somos os “eleitos de Deus, santos e predilectos” e, por mais voltas que se possam dar, não há pandemia que resista ao Natal que é de Jesus, do Jesus da manjedoura de Belém e das manjedouras do aqui e agora: afinal Belém ultrapassou as barreiras de uma Palestina distante e se fez presente como presente maior de Deus à sua e nossa humanidade.

Este é o tempo do querer e desejar, dos votos mais ou menos solenes, como se pudéssemos viver apenas e só de votos, do querer chegar a todos e a todas as realidades, minimizando fomes e pobreza que, na realidade, muito além vão de simples carências biológicas mas que, em abono da verdade, muitas vezes são fome e pobreza de humanidade, de uma dignidade que foi roubada pela ganância de tantos, de um olhar que mitigue uma solidão indesejada e de um abraço que seja forte e conforte o infortúnio de uma vida que aos poucos foi perdendo a própria vida.

E este é o tempo, o nosso tempo, o tempo que nos é dado a viver como paradigma de um tempo que se quer diferente, profundamente transformador, onde em tudo e em todos se torne manifesto a riqueza da pobreza da vida que emerge de umas palhas contagiantes, de uma Família que se junta às nossas e onde se inscrevem novas formas de ser e de estar, numa relação tão íntima e profunda que fazem de todas uma só e mesma família.

E ao Menino é-Lhe dado uma mãe e um pai, a possibilidade de viver uma relação familiar, tão normal como as nossas, uma familiaridade que assenta na beleza de um amor incondicional, capaz de superar adversidades e contratempos, incompreensões e demais situações que, só em família, são capazes de serem vencidas, porque o amor que se reparte multiplica-se.

O desafio é constante e permanente vivo e actual, aliás, cada vez mais actual e premente naquela que é a nossa forma de ser e de estar em família: mais que de coisas, carecemos de sentimentos, e de sentimentos que nos façam saber mais a “nós”, a “tu” e a “eu”, saber-nos e sentir-nos mais pessoas e mais relação! E no topo surge-nos a misericórdia, como amor em acção, a aceitação do que cada um é, excluindo qualquer tipo de julgamento ou condenação, uma misericórdia que se veste de bondade, humildade, mansidão e paciência, mas, acima de tudo, há que revestirmo-nos da caridade! Sim, da caridade que “tudo suporta, tudo desculpa, tudo espera”, da caridade que aproxima, une e edifica: é ela o vínculo da perfeição!

E buscam-se soluções, procuram-se respostas e desejam-se transformações como se pudesse por magia, ou qualquer outra “menzinha” ou toque de varinha mágica alcançar! A solução é uma e só uma: amar! Mas amar ao jeito da Família de Nazaré!

Por detrás de uma máscara existe um sorriso! E em cada sorriso a possibilidade de ser e fazer o outro feliz.

Se a pandemia afasta, a familiaridade aproxima.

Este é o tempo! O nosso tempo de ser... família!

# afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

## PALAVRA COM VIDA

# FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA

**1ª Leitura**  
Eclesiástico 3,3-7.14-17a  
**Aquele que teme a Deus honra os seus pais**

**2ª Leitura**  
Colossenses 3,12-21  
**Acima de tudo, revesti-vos da caridade**

**Evangelho**  
São Lucas 2,22-40  
**O Menino crescia e enchia-se de sabedoria**

A Palavra deste Domingo, último do ano civil, propõe-nos a família de Jesus como exemplo e modelo das nossas comunidades familiares. Como a família de Jesus – diz-nos a liturgia deste dia – as nossas famílias devem viver numa atenção constante aos desafios de Deus e às necessidades dos irmãos.

O Evangelho coloca-nos diante da Sagrada Família de Nazaré apresentando Jesus no Templo de Jerusalém. A cena mostra uma fa-



mília que escuta a Palavra de Deus, que procura concretizá-la na vida e que consagra a Deus a vida dos seus membros. Nas figuras de Ana e Simeão, São Lucas propõe-nos também o exemplo de dois anciãos de olhos postos no futuro, capazes de perceber os sinais de Deus e de testemunhar a presença libertadora

de Deus no meio dos homens.

A segunda leitura sublinha a dimensão do amor que deve brotar dos gestos dos que vivem “em Cristo” e aceitaram ser “Homem Novo”. Esse amor deve atingir, de forma muito especial, todos os que conosco partilham o espaço familiar e deve traduzir-se em determinadas atitudes de compreensão, de bondade, de respeito, de partilha, de serviço. S. Paulo pede-nos que, acima de tudo, nos revistamo-nos da caridade que é o vínculo da perfeição.

A primeira leitura apresenta, de forma muito prática, algumas atitudes que os filhos devem ter para com os pais, nomeadamente honrá-los, obedecer-lhes, amparar-lhes. Trata-se de uma forma de concretizar o amor de que fala a segunda leitura.

A primeira Leitura apresentamos, de forma muito prática, algumas atitudes que os filhos devem ter para com os pais: É uma forma de concretizar esse amor de que fala a segunda leitura.

## SABIAS QUE...



se celebra, hoje, Domingo, 27 de Dezembro, a Solenidade da Sagrada Família?

Festa celebrada dentro da chamada oitava de Natal, período de oito dias que se estende desde o dia de Natal até ao dia 1 de Janeiro com a celebração de Santa Maria Mãe de Deus, esta festa é assinalada e celebrada no Domingo imediatamente depois do dia de Natal.

As origens da Solenidade da Sagrada Família remontam ao final do século XIX, sendo instituída pelo Papa Leão XIII, em 1883, e posteriormente alargada a toda a Igreja pelo papa Bento XV ao definir, a 26 de

Outubro de 1921, um dia consagrado, especificamente, à Sagrada Família.

Naquela altura, a Igreja inquietava-se com o que, então, era considerado como a “decadência moral: o progresso do naturalismo devido aos avanços da ciência, a penetração do ateísmo e a autonomia cada vez maior da política e do direito em relação à Igreja”.

Deste modo, as diferentes lideranças da Igreja procuraram valorizar a comunidade familiar como instituição cristã fundada a partir do Evangelho. Inicialmente comemorada no Domingo seguinte à celebração da Epifania, com a reforma do calendário litúrgico, ocorrida após o concílio Vaticano, a festa da Sagrada Família transitou para o coração do Natal, no Domingo a seguir ao dia 25 de Dezembro, aproveitando-se o carácter eminentemente familiar desta época e tempo festivo.

Fixemo-nos, pois, no que de mais puro brota da Sagrada Família de Nazaré: a força do Amor de Deus centrada no Seu Filho Jesus como segredo da união e superação de todos os desafios por todas e cada uma das nossas famílias.



## POR CÁ

# Bispo de Angra pede intensificação da Pastoral Familiar

Para este Dia da Sagrada Família, e a todas as famílias da Diocese, D. João Lavrador enviou uma Mensagem onde apela a uma pastoral familiar renovada que evite a “desorientação” e “acção manipuladora de determinadas ideologias”, pedindo ao mesmo tempo que se intensifique a pastoral familiar de forma a que o trabalho com as famílias, e em prol delas, possa ser sempre renovado e as famílias possam cumprir a sua vocação evangelizadora: “A família cristã, verdadeira Igreja Doméstica, tem em si mesma uma força evangelizadora única e singular. Pela formação cristã, pela oração, pela celebração dos sacramentos e pelo testemunho de partilha abre-se ao mundo para projectar luz”, afirma D. João.

Na mesma Mensagem, o Bispo Diocesano vai mais longe e pede que “não haja nenhuma paróquia e Ouvidoria que não se empenhe na organização da pastoral familiar em articulação com o serviço diocesano da pastoral familiar” para “que todas as famílias se integrem e participem activamente na comunidade cristã, pela participação na Eucaristia dominical, pela catequese paroquial, pela oração comunitária, pela dinamização dos diversos grupos e movimentos paroquiais e pela atenção aos mais excluídos”. “Nunca é demais, no contexto desta festa da Sagrada Família de Nazaré, despertarmos as paró-



quias e as Ouvidorias para uma adequada e urgente pastoral familiar” afirma o bispo de Angra ao sublinhar que “a ela compete fazer resplandecer o brilho do amor e da beleza do matrimónio e da família, articular a família com as diversas funções da vida pastoral nas paróquias, estabelecer e dinamizar os movimentos de pastoral familiar, estabelecer formas de acolhimento às situações de fragilidade familiar”.

Além deste desafio, o prelado lança mais dois apelos às famílias açorianas. O primeiro prende-se com a necessidade das famílias se inspirarem no modelo de Nazaré, que “seguiu o amor de Deus”, aceitando o Seu projecto. O segundo é a

aprendizagem do perdão; “Fundamentai o vosso ser família no amor de Deus e renovai-o constantemente pela acção do Espírito Santo” afirma D. João, alertando para o tempo exigente que as famílias vivem actualmente: “Nos tempos em que vivemos, importa reconhecer que o sacramento do matrimónio que introduz na vida de uma nova família não pode ser estático, muito pelo contrário, tem de ser encarado como dinamismo permanente. Eis como se pode saborear a Boa Nova que está presente na beleza e no encanto da família”, afirma destacando os obstáculos que se colocam ao modelo cristão de família “provocados pela desorientação

da cultura e da sociedade actual, ou ainda pela manipulação que determinadas ideologias exercem sobre ela”.

A este propósito, recordando o discurso do Papa Francisco no Encontro Mundial das Famílias em Filadélfia, nos Estados Unidos, D. João Lavrador recorda que só o amor de Cristo “torna possível o matrimónio e um amor conjugal caracterizado por fidelidade, indissolubilidade, unidade e abertura à vida”. Mas, para isso, refere, é necessário saber dar valor ao perdão: “Tal como em qualquer comunidade celebrar o amor exige de igual modo celebrar o perdão. Perante os conflitos que surgem no seio do matrimónio e da família exige-se uma atenção redobrada ao amor que se traduz também no perdão mútuo” afirma o prelado na mensagem.

O bispo de Angra apresenta a família como o pilar da sociedade e convida todas as famílias da diocese a sintonizarem-se com a vontade do Papa que acaba de estabelecer um ano dedicado à família, no quinto aniversário da Exortação Apostólica «Amoris Laetitia», que decorrerá de 19 de Março de 2021 até 26 de Junho de 2022, ocasião do X Encontro de Famílias em Roma.

A mensagem termina com uma prece, invocando a protecção da Sagrada Família sobre todas as famílias da diocese “sobretudo as que sentem mais débeis e frágeis”.

## ENTRE NÓS...

# Família: O meu “cantinho do céu”, para o qual quero sempre regressar!



A palavra família vem do latim *famulus*, que significa “servidor”, sendo associado a um grupo de escravos e serventes de um amo/senhor. Ao longo dos anos, o termo foi atribuído a um conjunto de indivíduos que mantêm laços de sangue, residem na casa e que estão sujeitos a um chefe. No dicionário, podemos encontrar a definição de família como um “conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem, um grupo de indivíduos, constituído pelo mesmo sangue”.

Atualmente, sabemos que o conceito de família é

mais amplo e complexo, remetendo-nos para uma ampla diversidade de formatos e características.

O que é para nós a família? Qual o verdadeiro significado desta palavra tão abrangente e única? Estou certa que a família é a base da sociedade e que os laços de afeto são e devem ser o seu cerne. Independentemente da sua constituição e formato, a família é sem dúvida o pilar mais importante da vida. Sendo o amor e o respeito, o “motor” do seu funcionamento e manutenção.

Sinto-me profundamente abençoada pois, ao longo da minha caminhada cristã, foi possível constatar que pertencemos verdadeiramente a várias famílias. Primeiramente, saliento a importância da minha família de origem, tendo uma profunda gratidão à minha mãe que se dedicou plenamente ao papel da maternidade, sendo patente em cada gesto o seu amor incondicional e verdadeiramente divino. Ao meu querido pai, pilar de sabedoria, que sempre realçou através da educação e valores transmitidos a importância da família, e trabalhando arduamente para a sua constante união. E aos meus cinco irmãos e irmãs a quem agradeço cada gesto e entrega, pois contribuíram significativamente para a minha construção enquanto ser humano e não apenas ser vivo.

A minha família de amigos, verdadeiros irmãos de coração, que me fazem querer ser mais, e que aceitam, a minha essência tornando-a especial e única.

E a família que construí, o meu marido que conhece o mais profundo e belo do meu ser, mas também o meu “lado lunar” e mesmo assim me ama e mostra-me que depois da “minha escuridão” a luz virá, e o mais brilhante de mim regressará. Os meus filhos, que são fruto de um amor que só poderá ser divino, pois cresce infinitamente a cada dia. E é sem dúvida nos momentos mais difíceis que encontro o conforto e compreensão no meu verdadeiro porto de abrigo, a minha família. O meu “cantinho do céu”, para o qual quero sempre regressar! E a família maravilhosa do meu marido que me acolheu como filha!

Em cada um de nós, existe uma essência da Família Sagrada, deixada pela pureza do menino que quer nascer no mais profundo e belo da nossa existência. A família deverá ser simples como o menino na manjedoura, precioso como a mãe que se entrega plenamente e sólida como o pai que protege infinitamente o seu lar.

Deus abençoe cada família na sua diversidade e nos faça ser cada dia mais humanos, pois só assim poderemos ser mais divinos!

Um Santo Natal para todos, que seja vivido de um modo sagrado e, em plenitude, sem materialismo que procuram encher um vazio que só poderá ser curado com amor. E que o próximo ano nos ensine a ser mais Família em cada gesto e passo do nosso quotidiano!

Maria Terra